

MARTE VIVA

Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO IV — N.º 184 — Preço 6\$00 — 14/2/80

250 FOGOS PARA OCUPAR

CONCURSO ABRE AMANHÃ

Conforme consta dos editais publicados nos três diários do Porto, o concurso público para as casas da Ponte de Anta abre efectivamente no dia 15. O concurso prolongar-se-á por um mês, concluindo-se nos dias 14 e 17 de Março com a entrega dos boletins e toda a documentação necessá-

ria. Quer isto dizer que só nesses dois dias os interessados poderão fazer entrega dos seus boletins embora os possam ir levantar e preencher a partir da data de abertura. Para a recepção deslocar-se-ão à Câmara de Espinho funcionários do Fundo de Fomento de Habitação, entidade responsável pela organização do concurso

pois a Câmara não dispõe de Serviços Municipais de Habitação. Esses funcionários terão como tarefa verificar cuidadosamente se os boletins estão devidamente preenchidos, para evitar que haja concorrentes prejudicados por não interpretarem correctamente as instruções de preenchimento.

Entretanto, uma funcionária da Câmara estará à disposição dos interessados para lhes entregar os papéis do concurso, podendo eventualmente dar indicações práticas para o seu preenchimento, pois que no dizer dos próprios técnicos se trata de um inquérito algo complicado e até um tanto subjectivo.

Dai a necessidade de muita atenção por parte dos concorrente.

Depois da recepção dos boletins de concurso, o Fundo de Fomento enviá-los-á para Lisboa, onde o computador tem, em princípio 45 dias para decidir da constituição da lista provisória. Depois disto segue-se um curto prazo para reclamações e mais um compasso de espera não inferior a 60 dias até sair a lista definitiva. Só depois chegará o ansiado momento da entrega das chaves e a ocupação das casas que tantas famílias vêm aguardando, e que desde Dezembro vinha sendo prometido para breve.



A
PROPÓSITO
DO
DESARMA-
MENTO

PÁGINA 5

Reunião da Câmara

O Salão da Piscina

tem novo regulamento

E com esta já lá vão três! As novas caras começam a deixar de o ser, os assuntos sucedem-se como cerejas, a assistência continua a ser uma constante, os bocejos também aparecem, os momentos mais acalorados dão um ar da sua graça, de quando em vez.

FRIO — Não é o do clima, é o proveniente das instalações frigoríficas comerciais que já têm originado alguns protestos em virtude dos ruídos e de se tornarem perigosas para as estruturas dos prédios onde estão instaladas. Assim, o Instituto Nacional do Frio envia ofício a propor os seus pareceres de ordem técnica nos casos que surgirem. Caberá, agora, aos serviços técnicos da Câmara dispor da referida instituição quando o acharem necessário.

TERRENOS — Os C.T.T. informaram que entregarão, até fins de Fevereiro, ao Tribunal da Comarca os processos de expropriação dos terrenos onde serão construídos os novos serviços postais. Com um atraso de mais de dois anos, em virtude dos empenamentos do costume e de algumas pitadas de possível negligência, vamos a ver se será desta, tendo em atenção que com estas demoras os C.T.T. têm que desembolsar mais cinco mil contos.

ESCOLAS — Já há mais de um ano que a empresa SOMAPRE assumiu compromisso, com

a Câmara e com o Ministério competente, a fim de construir novas salas de aula (10) na freguesia de Anta. O contrato já devia estar cumprido, mas não está. A Câmara manda ofício a saber como é.

FREGUESIAS — As juntas de freguesia de Silvalde e Paramos receberam, a seu pedido, 500 contos cada para cobrir os «déficits» das gestões anteriores, como adiantamento das verbas a que têm direito, anualmente.

CERCI — A Câmara autorizou a referida cooperativa a utilizar um terreno expropriado, junto das suas instalações, para obras de ampliação, ainda que a título temporário. Contudo foi sublinhado no decorrer da discussão deste assunto que a Câmara deveria fazer todas as diligências para conseguir um terreno onde a CERCI pudesse construir as instalações que necessita, não tendo que ser obrigada a recorrer a remedios insatisfatórios.

MOSTEIRO — A Comissão de Restauo do Mosteiro de Grijó solicitou um subsídio para as obras de restauração do monumento, que irão custar alguns milhares de contos. Em virtude das tradicionais dificuldades financeiras, o executivo resolveu oferecer uma «quantia

continua na página 3

CANCELAS

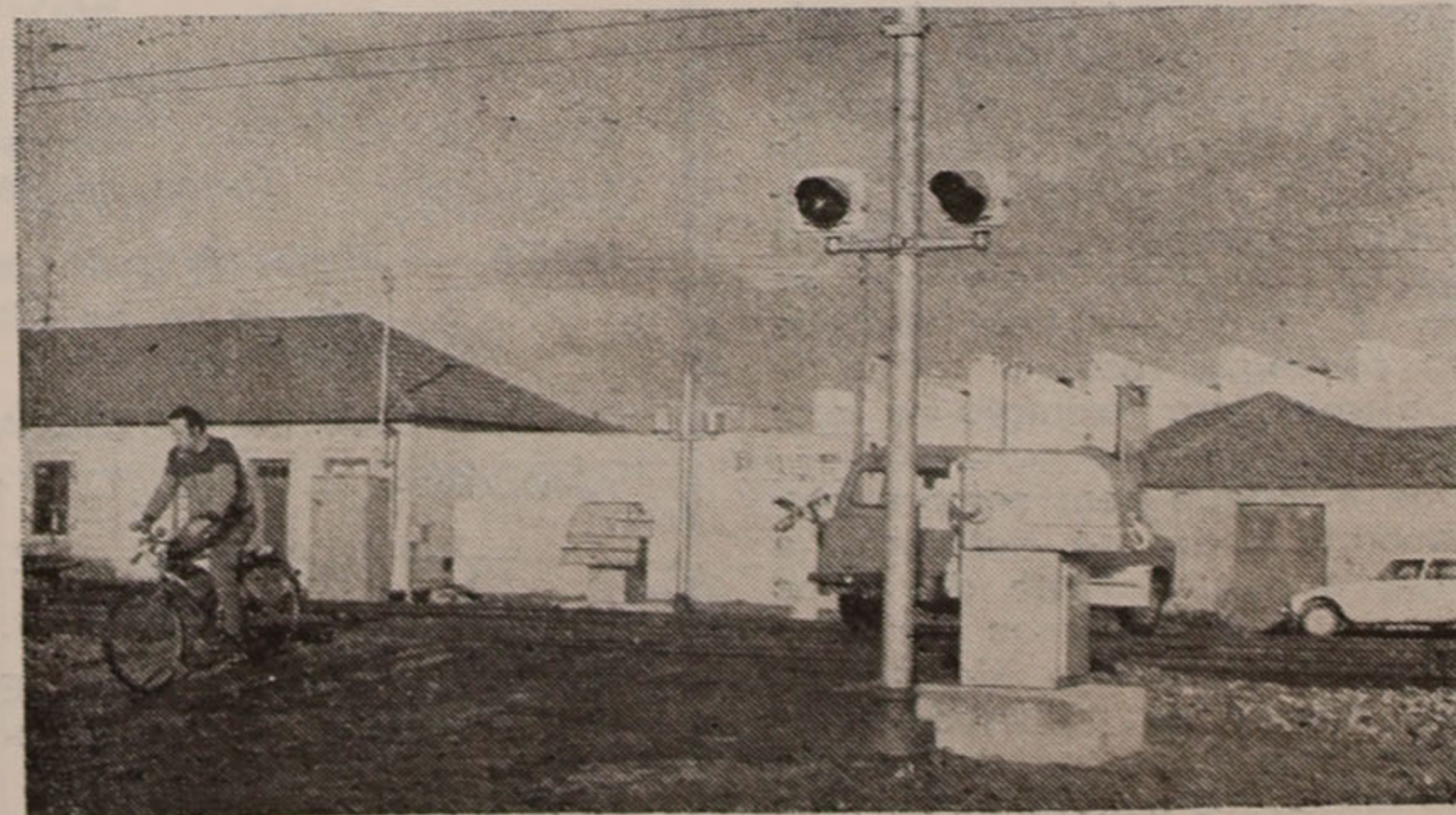
ainda este mês

Operários da C. P., ocupados na preparação das passagens de nível do Matadouro e do Golfe, disseram-nos estarem convencidos que ainda durante este mês estarão concluídas as obras de instalação de cancelas automáticas naquelas duas passagens. Com efeito, conforme a gravura documental, estão já colocados os suportes e as básculas para as cancelas, enquanto também se encontra resolvida a questão eléctrica com a ligação de cabos à Estação de Espinho por meio de uma vala aberta para esse efeito.

Enquanto se aguarda a colocação das cancelas propriamente ditas, os referidos trabalhadores ocu-

pam-se no alargamento do pavimento para a passagem dos automóveis. Está assim para breve o encer-

ramento definitivo da lista já longa de acidentes mortais naquelas duas passagens de nível.



A passagem vai ser alargada e só falta montar as cancelas

ESPINHO QUE FOI



Foi casa, vai ser bloco. A cidade não perdoa.

Três ou quatro andares, uns estabelecimentos comerciais, fachada igual a tantas outras, mais ou menos varandas.

É uma certa história, é uma certa época, é uma certa cidade que vai caindo com as pedras de cada casa. A paisagem, familiar aos nossos olhos de tantos anos, paga os custos do progresso.

Espinho cresce. Cresce para os lados, cresce para o lado das nuvens. O sol vai passar mais lá por cima, a rua cá em baixo vai parecer mais estreita. Uma rua mais igual a tantas outras ruas, numa cidade mais igual a tantas outras cidades.

Os nossos avós deambularão à procura de um certo Espinho que fez tempo e (quem sabe?) deixa saudade. Os nossos filhos não-de vaguear em busca de uma casa, de uma árvore, de um horizonte aberto, diferente e puro. A vida, essa, continua.



Quinta-feira, 14
**HISTÓRIA DA VIDA E DA
MÁ VIDA**

M/ 18 anos

Carlo Lizzani através da sua vasta obra habituou-nos à preocupação saliente de abordar assuntos que constituem num todo o problema da criminalidade e suas implicações sociais. Utilizando normalmente a sua cidade, Milão, como cenário, neste caso tem como argumento a temática da prostituição, nas formas como ela existe e pelos processos que incitam a ser praticada. Como também é seu defeito deixa-se cair num aspecto romanceado, o que por escusado prejudica o efeito que dele se podia tirar. Mas feitas as contas, é filme digno da atenção.

Sexta-feira, 15
QUE DOUTORA, RAPAZES

M/ 18 anos

Uma fita italiana, e no género em que os seus estúdios são campeões na quantidade: a comédia brejeira. Sendo do estilo, nem é bom nem faz mal de mais, restará por isso dizer que não está aqui para enganar ninguém.

Sábado, 16
BLUE JEANS

M/ 13 anos

Paralelamente às produções

mais ou menos ambiciosas, os americanos por sua vez também se vão entretendo a fazer umas coisas pretensamente simples, mas na verdade trabalhos menores onde não se encontra justificação por que foram feitos. Em causa, uma comédia sobre jovens a fazerem figura de parvinhos para a gente rir. Coitadinhos deles.

Domingo, 17
NOSTALGIA DO AMOR

M/ 13 anos

Um artista de menor categoria, depois de uma longa vida e carreira sem sucessos vê aproximar o seu final com a entrada num hospício, antes porém renasce nele uma grande paixão por uma jovem que o faz pensar na possibilidade de nova esperança, mas a crueza das situações é mais forte. Com isto não pretendemos resumir o argumento deste excelente filme de Dino Risi, pois naturalmen-

te ele é mais que isso, Ugo Tognazzi numa brilhante interpretação convence o mais céptico. A não deixar de ver, portanto.

Terça-feira, 19
AONDE VAIS NAS FÉRIAS?

M/ 13 anos

Como o tema comum das férias mais uma produção italiana apresentada em 3 «sketches» realizados respectivamente por Mauro Bolognini, Luciano Salce e Alberto Sordi. Dos dois primeiros poder-se-á apenas dizer que é quase perda de tempo vê-los, pois ficam muito aquém do que minimamente se poderia exigir a quem os fez e a quem neles trabalhou. Mas a 2.ª parte, através do episódio da responsabilidade de Alberto Sordi (está mesmo um espanto!) consegue melhorar a impressão e até a premiar o esforço do espectador dedicado.

A CAMINHO DO «BLACK-OUT?»

Assim parece, por cá. De facto, a iluminação pública de Espinho está cada vez mais enébrica. Há ruas em que quase é preciso o transeunte usar lanterna eléctrica se não quiser tropeçar nalguma coisa; isto para além das questões de segurança pessoal que se põem. Um só exemplo entre as dezenas que se poderiam apon-

tar: a rua que separa o Hospital do Infantário tem como iluminação 3 ou 4 lâmpadas dentro do recinto hospitalar. Convenhamos que é pouco... Mas mesmo ruas centrais estão «à média luz». Serão já exercícios do «black-out» para a iminência de ataques aéreos? Deixemos a resposta ao cuidado dos Serviços Municipalizados.

DE BOCA ABERTA

Foi assim que muitos de nós, habitantes de Espinho, ficámos ao receber as contas de água e luz. Claro que os aumentos não são só cá na terra. O que não impede

de concluirmos que, juntamente com o novo cabaz de compras, o governo está mesmo a governar. Olá, se está!

SUPERMERCADO DO LAR

O MELHOR PRONTO A VESTIR PARA O SEU «LAR»

Grande sortido de: ALCATIFAS, PAPEIS DE PAREDE, CANDEEIROS DE CRISTAL, COZINHAS POR ELEMENTOS, ARCAS, MAPLES, ESTANTES, PAVIMENTOS IMPORTADOS, TETOS FALSOS, CARPETES, PASSADEIRAS, CORTIÇAS, LAVA LOUÇAS, etc. — Distribuidores das famosas marcas: Alcatifas LIDER, CARLON, CUF, ROBILON, etc. — Papeis VYMURA, PARETA, MAY-FAIR, AZCOAGA, MARBURG, BAMENTAL, F. P. D., etc. e ainda das famosas cozinhas por elementos «SÓNIA».

Rua 62 n.º 227 a 231 — Telef. 922986 — ESPINHO

A MODELAR

Telefone 923068



Rua 16 — Merc. Municipal 4500 ESPINHO

Aviamento rápido de receitas de óculos com descontos das Caixas de Previdência

FONSECA

TECIDOS MODAS

ESPINHO

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

FARMÁCIAS

Quinta — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092
Sexta — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352
Sábado — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331
Domingo — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250
Segunda — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320
Terça — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092
Quarta — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352

AINDA A CULTURA NOS ANOS 70

Há algumas semanas apresentamos no «M.V.» um resumido balanço cultural dos anos 70. Aí se referia, também, a vida cultural espinhense ao longo dos últimos 10 anos. O âmbito necessariamente restrito daquele trabalho, aliado ao pouco espaço de que normalmente dispomos para tanto assunto que há pela cidade, levou a que apenas se referissem de leve as questões dignas de menção. Por isto mesmo, não foi possível apresentar com grande desenvolvimento a actividade de alguns organismos locais, de que salientamos a Academia de Música. Além disso, algumas referências muito gerais à pobreza e ao âmbito (ainda) bastante restrito da vida cultural na nossa cidade poderão ter sido mal entendidas, traíndo as nossas reais intenções.

A actividade profícuca e perseverante da Academia de Música de Espinho merece-nos, como de certeza se reconhece, a maior consideração. É perfeitamente justo realçar o labor esforçado dos seus responsáveis, ora no trabalho continuado do ensino, ora na promoção regular de sessões e espectáculos de qualidade assinalável. Sabemos também que, se mais não se faz, é porque a boa vontade não consegue resolver todos os problemas, por exemplo os económicos.

Se a cidade nem sempre corresponde como se desejaria, a culpa é naturalmente de todos nós, os que pugnamos por uma cultura ao alcance de todos, pela criação de públicos diversificados e exigentes, pelo apoio das entidades competentes. Mas fica-nos também a certeza de que alguma coisa se vai fazendo e cada vez mais gente vai aderindo a realizações culturais que alguns, com coragem, teimam em promover.

MARE VIVA

Director: ANTONIO SANTOS

Redacção: RUA 62 N.º 251 - 1.º TEL. 921621 — ESPINHO

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

António Santos, Joaquim Fidalgo, Luís Costa e Victor Sousa (redactores); Ana Maria, Augusto Mota, Eugénio Morais e Nuno Barbosa (colaboradores de redacção); Jorge Carvalho (colaboração especial).

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L. RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

ATENÇÃO

ABRIU

Viagens e Turismo TURESPINHO, L.^{da}

(Antiga Praia do Sol)

Rua 20 n.º 306 — Telef. 920466 — ESPINHO

EXCURSÕES

TUY — Todas as quinta-feiras — 220\$00

VIGO E TUY — Terças-feiras (quinzenal) — 270\$00
Todos os Sábados — 270\$00

NOTA — Reservas pelo telefone

Manda-se os bilhetes a casa dos n/ estimados clientes.

SERRA DA ESTRELA — 1 dia (várias datas)

ANDORRA — 6 dias — 15 a 20 de Março (confirmada)

MANZANEDA — 2 dias — 5 e 6 de Abril

LISBOA (Belenenses — S. Espinho) — 1 a 2 de Março

LISBOA (Benfica — S. Espinho) — 25 a 27 de Abril com noite de Fado na Adega Machado

AINDA:

PASSAPORTES — AUTOPULLMANS — VIAGENS

PASSAGENS — VISTOS — HOTEIS

GRATOS PELA V/ VISITA

C. C. T. V. PARA A INDÚSTRIA QUÍMICA

AFINAL AS EMPRESAS PODEM OU NÃO PODEM PAGAR?

«Provocação aos trabalhadores» é como o Secretariado da Federação dos Sindicatos da Indústria Química considera a contraproposta remetida pelo patronato em 25 de Janeiro em resposta a uma proposta apresentada pelos Sindicatos em 27 de Dezembro para a revisão do Contrato Colectivo de Trabalho para o sector. De facto, na sua contraproposta, as Associações Patronais não só recusam a concessão de regalias adequadas à compensação do aumento do custo de vida, como avançam com propostas de retirada de regalias já alcançadas.

Neste aspecto inscreve-se nomeadamente o pagamento do trabalho extraordinário, que o patronato quer ver reduzido de 100 para 75% nas horas diurnas, de 150 para 125% nas horas nocturnas e de 200 para 100% no trabalho prestado em dias de descanso ou feriado. O patronato recusa ainda a revi-

são do subsídio de alimentação do regime de promoções e de diuturnidades, e pretende ainda que a maioria das empresas passem do grupo A para o grupo B e deste para o grupo C. Finalmente contrapõe aumentos salariais da ordem dos 15% (!) aos 25% propostos pelos Sindicatos.

Prevêem-se por isso dificuldades para a fase de negociações que agora se inicia, e a este respeito já os trabalhadores se mostram dispostos a lutar para que as suas justas reivindicações sejam atendidas, o que aliás foi já deixado bem expresso no recente plenário de delegados sindicais do distrito do Porto efectuado no dia 5.

Entretanto, não deixa de suscitar estranheza a atitude tomada por empresas químicas de Espinho, nesta altura em que se discute o CCTV. Embora outras empresas se preparem para lhe seguir o exemplo,

foi a CETAP quem fez o «golpe de teatro», oferecendo aos seus trabalhadores aumentos da ordem dos 28%, já postos em prática. Quando se vê o patronato a «oferecer» 15% aos sindicatos, a pergunta óbvia não pode deixar de ser esta: «Afim, a indústria química pode ou não pode pagar?». Pelos vistos pode, só que parece que lhes interessa mais desviar os trabalhadores dos seus sindicatos do que permitir que estes funcionem como os verdadeiros instrumentos de classe no que respeita ao seu poder de reivindicação. A estratégia não escapa no entanto aos trabalhadores que já a conhecem e fundamenta-se no velho princípio do capitalismo: «É preciso desacreditar os sindicatos nem que para isso se tenham de abrir momentaneamente os cordões à bolsa, para depois melhor poder dominar e explorar os trabalhadores.»

Igualdade entre mulheres e homens NO TRABALHO E NO EMPREGO

O Decreto-Lei 392/79, de 20 de Setembro, garante às mulheres a igualdade com os homens em oportunidade e tratamento no trabalho e no emprego.

A Constituição da República Portuguesa reconhecia e garantia já a igualdade de todos os cidadãos, com a consequente recusa de privilégios ou discriminações fundadas, nomeadamente, no sexo. O direito à igual salário para trabalho igual é também garantido constitucionalmente e é atribuída ao Estado a tarefa de assegurar que o sexo não funcione como limitação ao acesso a quaisquer cargos, trabalhos ou categorias profissionais.

O diploma então publicado visa criar, por um lado, normas que definam o enquadramento legal adequado à transposição dos princípios constitucionais para a realidade do mundo e do direito laborais, e, por outro lado, mecanismos de actuação que viabilizem a aplicação prática de tais normas e princípios.

No que se refere à orientação e formação profissional, o decreto atribui ao Estado a tarefa de promover, incentivar e coordenar acções de orientação e formação profissional destinadas às mulheres. Relativamente a estas estabelece uma preferência para grupos de idade de 14-19 e 20-24 anos sem qualquer qualificação ou diploma de escolaridade obrigatória e para as mulheres educadoras únicas. Garante ainda o acesso das mulheres aos cursos de formação profissional, em percentagem a fixar anualmente por portaria do Ministério do Trabalho. No que se refere à orientação e formação profissional o decreto debruça-se ainda sobre a *reintegração no em-*

prego de mulheres que interrompem a sua actividade profissional, visando a execução de programas de orientação profissional e de reciclagem e aperfeiçoamento. Garante-se, além disso, às mulheres, em igualdade com os homens, a igualdade de oportunidade de emprego e às formas de publicidade ligadas à *formação profissional* levada a efeito pelas entidades patronais.

Relativamente aos anúncios de ofertas de emprego e outras formas de publicidade ligadas à pré-selecção e ao recrutamento, o decreto refere que estas não podem conter qualquer restrição, especificação ou preferência baseada no sexo.

A igualdade de remuneração entre trabalhadores e trabalhadoras é um dos pontos também focados no decreto. Insiste-se no princípio — constitucional — de igualdade de remuneração para trabalho igual ou de valor igual prestado à mesma entidade patronal. Acrescenta-se ainda que os sistemas de descrição de tarefas e de avaliação de funções devem assentar em critérios objectivos comuns a mulheres e homens. Os mesmos critérios devem ser utilizados no que respeita a variações de remuneração efectiva. A trabalhadora que se queixe de discriminação deve fundamentar tal queixa por referência ao trabalhador ou trabalhadores em relação aos quais se considera discriminada, devendo a entidade patronal provar que as diferenças de remuneração efectiva assentam em factor diverso do sexo.

O Decreto-Lei 392/79 garante, ainda às trabalhadoras, nas mesmas condições dos homens, o desenvolvimento de uma *carreira profissional* que

lhes permita atingir o mais elevado nível hierárquico da sua profissão, estendendo-se tal direito ao preenchimento de lugares de chefia e à mudança de carreira profissional.

Por outro lado, proíbe-se a entidade patronal de aplicar sanções ou por qualquer forma prejudicar a trabalhadora por motivo de esta haver reclamado alegando discriminação, prevendo-se ao mesmo tempo o direito a uma indemnização por parte da trabalhadora e considerando-se abusiva a aplicação de qualquer sanção a esta, até um ano após a data da reclamação fundada em discriminação.

O decreto considera nulas e de nenhum efeito as disposições dos instrumentos de regulamentação colectiva na parte em que estabeleçam *profissões e categorias profissionais* que se destinem especificamen-

te a pessoal feminino ou a pessoal masculino, ou que estabeleçam remunerações inferiores para mulheres, para as mesmas categorias profissionais ou para categorias profissionais equivalentes. Num e noutro caso, tais disposições deverão entender-se substituídas por disposições abrangendo ambos os sexos, ou pelas remunerações atribuídas aos homens.

Com o objectivo de promover a aplicação do diploma é criada junto do Ministério do Trabalho a Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Poderão ser intentadas junto dos tribunais competentes as acções tendentes a fazer aplicar as normas do diploma. O direito de acção será exercido pelo trabalhador que se considere discriminado, ou pela associação sindical que o represente.

CONGRESSO NACIONAL

Na segunda-feira, dia 11, as empresas químicas de Espinho deverão ter já escolhido os seus representantes ao próximo Congresso da C. G. T. P./Intersindical, em número de um por empresa. Nessas reuniões, ter-se-á também discutido os documentos propostos para análise, nomeadamente o *Caderno Reivindicativo e Programa de Acção*, bem como o *projecto de Estatutos*. A antecedente estas reuniões houve já no dia 5 uma reunião de delegados sindicais químicos com vista a preparar estes plenários de empresa. Prevê-se ainda que se venha a efectuar uma reunião dos delegados ao Congresso designados.

A par do sector químico, outros sindicatos, nomeadamente os Metalúrgicos, vêm avançando o processo de discussão das teses e eleição dos delegados.

PROFESSORES VOLTAM ÀS URNAS

A Mesa da Assembleia Geral aceitou o pedido de impugnação das eleições do dia 30 para a Direcção do Sindicato dos Professores do Zona Norte e respectivas delegações distritais. A impugnação foi aceite, dada as irregularidades comprovadas nomeadamente o aparecimento de professores inscritos nos cadernos eleitorais mais do que uma vez. Não se pode dizer que tenha havido tentativa de fraude, mas houve pelo menos uma lamentável desorganização que bem diz o desleixo com que o S.P.Z.N. vem sendo dirigido.

A repetição das eleições ficou entretanto marcada para o dia 13 de Março.

E OS SALÁRIOS?

A aparente preocupação do governo com os reformados, os pensionistas e os desempregados, traz água no bico. Ao observador menos atento não escapará a demagogia de concentração destas preocupações dos homens de Sá Carneiro, que bem se desejariam se fossem verdadeiras. Mas a verdadeira razão deu-a o Ministro do Comércio Interno, na entrevista que a R.T.P., atenta, veneranda e obrigada, lhe foi fazer quando apareceu o Cabaz de Compras.

O sr. Horta defendeu com unhas e dentes os aumentos do Cabaz e entrou nas promessas não cumpridas de melhorar o poder de compra dos portugueses. E disse qual era a estratégia: o poder de compra melhora-se por um lado diminuindo os impostos e travando a inflação e, por outro lado, aumentando-se as pensões dos reformados e inválidos. Foi assim, mais palavra, menos palavra. Ou seja, o Governo não acha que os salários devam entrar na sua estratégia de «melhorar o poder de compra», acha por isso que os quatro milhões de portugueses que vivem do seu salário não precisam que estes sejam aumentados para acompanhar a inflação.

No fim de contas, aquilo dos contratos congelados tinha a sua razão de ser. É estratégia.



O decreto-lei 392/79 garante a igualdade no trabalho entre homem e mulher. Teremos um governo para o fazer cumprir?

RELAÇÃO DAS FORÇAS NUCLEARES

A superioridade será de Moscovo?

Segundo declaração americana recentemente publicada, os Estados Unidos dispõem de 2/3 das ogivas nucleares existentes e a URSS de 1/3. Por outras palavras, os mísseis nucleares estratégicos dos EUA são duas vezes superiores aos da URSS. Entretanto o tratado SALT 2 autoriza a URSS a reduzir um pouco mais a sua quota. Facilmente se compreende que é muito difícil à URSS atingir uma paridade nuclear, enquanto o desenvolvimento do potencial nuclear dos EUA progredir a um ritmo particularmente rápido. E é aqui que reside a questão fundamental: a das armas de «teatro» e dos mísseis soviéticos SS-20. As armas ditas de teatro visam os países europeus próximos da União Soviética, e não são abrangidos pelo SALT 2. Cálculos feitos em países ocidentais, e que são absolutamente irrefutáveis, indicam que a NATO tem na Europa mais de 7.000 armas deste tipo, ao passo que o Pacto de Varsóvia tem apenas 3.500 e em território soviético. Também aqui há uma vantagem de 2 contra 1 em proveito da NATO.

Os técnicos ocidentais classificam as armas de «teatro» em três categorias: pequeno alcance — menos de 100 km, médio alcance — entre 100 e 1.000 km, longo alcance — mais de 1.000 km.

Em documento oficial (Janeiro de 1979) o general americano, David Charles Jones, chefe dos Estados Maiores — a mais alta autoridade militar nos Estados Unidos, declarou justamente que a parte americana dos mísseis de teatro de médio alcance, pertencentes à NATO seria composta por aviões F-111 e A-6 colocados em posições avançadas e por um número constante de ogivas nucleares Poseidon (transportadas por submarinhos) que tinham sido postos à disposição do Alto Comando da Europa. O quadro de armas de teatro da NATO fica completo com outros sistemas de armamento tais como os mísseis Polaris — ingleses — também transportados por submarinos e aviões Vulcan.

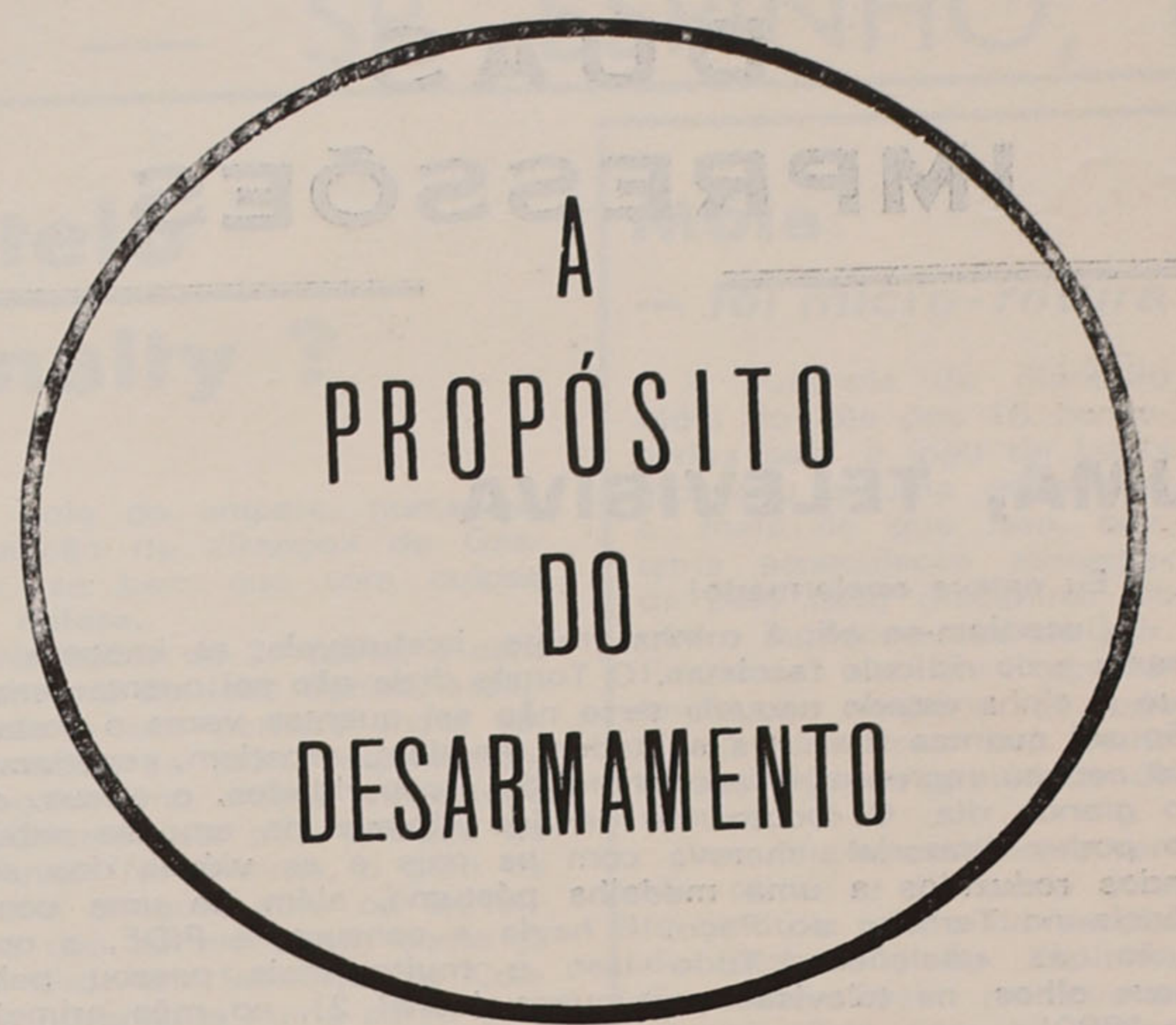
É de ressaltar que este tipo de armas, extremamente móveis e dotados de várias ogivas nucleares, foram confiadas há já alguns anos ao comando da Aliança Atlântica. Para fazer face a estes novos mísseis, a União Soviética substituiu os SS-4 e SS-5 (construídos respectivamente em 59 e 61) que estavam instalados em rampas fixas e de uma única ogiva nuclear. Foi portanto para restabelecer o equilíbrio com as forças da NATO no campo das armas de teatro de longo alcance que a URSS construiu uma nova versão do míssil SS-20, móvel e de várias ogivas nucleares. Se bem que os SS-20 não sejam novos é necessário lembrar que a NATO há já uma dezena de anos possuía mísseis móveis de várias ogivas nucleares. Mas o equilíbrio recentemente alcançado seria posto em causa com a

eventual colocação dos Pershing 2 e cruzeiros.

Impõe-se aqui o esclarecimento de um pormenor: é que os SS-20 não podem atingir os EUA, por isso são armas de teatro, enquanto que os Pershing 2 e os cruzeiros que atingem em pleno a URSS devem ser considerados como armas nucleares estratégicas ponde em causa o equilíbrio obtido recentemente com a assinatura dos acordos SALT 2.

É necessário frisar que a colaboração das armas nucleares estratégicas na Europa constituirá uma perigosa escalada do armamento nuclear.

A famosa estratégia de Kissinger, segundo o qual os EUA não estão dispostos a defender a Europa à custa da sua própria destruição, mas que deveria ser esta a adquirir o armamento necessário à sua própria defesa, é insustentável.



Os novos mísseis que os EUA querem colocar na Europa são armas americanas e a sua utilização depende naturalmente dos EUA e não dos países da Europa. Assim qualquer resposta soviética será dirigida não só para os países europeus onde foram lançados os mísseis, mas igualmente contra o território dos EUA. Por conseguinte, em caso de conflito, estas armas pouco alteram o destino dos EUA. Mas por outro lado, a colocação destes mísseis na Europa transformará os países que os aceitassem em alvos vulneráveis, para a União Soviética.

Na verdade, a pretensão americana de instalar na Europa os mísseis Pershing 2 e Cruzeiro nada têm a ver com a defesa do seu continente. Os seus objectivos estão claramente enunciados em documentos oficiais. No início dos anos 70, M. Schlesinger, que era então Secretário da Defesa, «criou» uma estratégia bastante controversa, segundo a qual os EUA «poderiam lançar e ganhar uma guerra nuclear limitada», se conseguissem assegurar uma certa superioridade sobre a URSS. Esta estratégia, também conhecida por «estratégia anti-força» destina-se a exercer uma influência psicológica sobre a opinião pública e a estabelecer uma diferença entre esta e a velha estratégia.

M. Rumsfeld, secretário do Pentágono, propôs um outro meio para se obter uma superioridade nuclear sobre a União Soviética. Durante o debate do orçamento de 78, declarou-se a favor duma superioridade estratégica que permitisse aos EUA infligir à União Soviética

— maiores perdas que esta aos EUA. O que no seu entender, esmagaria a URSS e destruiria o comunismo soviético.

O actual secretário da Defesa, Sr. Brown, é ainda mais explícito: pretende uma força nuclear estratégica que permita aos EUA conduzir vitoriosamente uma guerra nuclear mantendo uma quantidade suficiente de armamento para impôr, no período do pós-guerra, uma «Paz Americana». Por outras palavras, e os documentos oficiais americanos não deixam qualquer dúvida, os EUA pretendem limitar uma eventual guerra ao continente europeu e salvaguardar o seu país de qualquer consequência imediata. De facto, a destruição da Europa é o preço necessário para salvar os EUA.

Eis — pois, porque os acordos SALT 2, que estabelecem uma paridade entre os dois Grandes, são contestadas pelos meios mais belicistas dos EUA que pretendem a todo o custo instalar os mísseis Pershing II e Cruzeiro na Europa.

Penso que chegou a altura dos europeus tomarem verdadeiramente consciência do perigo que para eles representa a estratégia americana. Os únicos países da NATO que por enquanto ainda não estão em perigo são a Noruega e a Dinamarca que não possuem armamento nuclear e que não têm bases de forças aliadas no seu território.

.....
Nino Pasti — senador italiano; ex-General das forças italianas e ex-comandante-chefe das forças da Nato.

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

Depósito de Frutas — Vendas por junto e a retalho

Rua 16 n.º 750 ESPINHO Telef. 920304

PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus Nacionais e Estrangeiros

Assistência Técnica

- Alinhamento de Direcções
- Vulcanização de Câmaras
- Equilíbrio de Rodas

TEL 923266

R. 18 - 1010 (R. da Igreja) — ESPINHO

Ninguém sobreviveria

«Os Estados Unidos estão a fabricar uma guerra na Europa para dentro de três anos e quem vai morrer somos nós. Espanta-me ver que há 350 milhões de europeus (mais que os americanos), que não são menos inteligentes que eles, que criaram civilizações, que têm necessidade de ser protegidos».

Estas e outras afirmações fê-las há dias em Lisboa um militar francês, almirante Sanguinetti, convidado a vir

a Portugal pelo Conselho Português para a Paz e a Cooperação. Oficial da resistência, antigo comandante do maior porta-aviões francês e antigo chefe do Estado-Maior da Armada do seu país, o almirante Sanguinetti denunciou claramente o perigo que a Europa corre ao permitir a instalação de novos mísseis norte-americanos no seu território o que a transforma no alvo número um no caso de eventual conflito entre as for-

ças da Nato e do Pacto de Varsóvia.

«As grandes concentrações humanas estão na Europa, o que significa que não é possível fazer uma guerra nuclear sem provocar um massacre. Como consentir 12 mil ogivas? Não haverá possibilidades de sobrevivência e as pessoas que o conseguissem ficariam queimadas e inutilizadas. As pessoas não têm consciência disto. Nem mesmo os militares».

DUAS IMPRESSÕES

UMA, TELEVISIVA

Eu estava apalermado!

Sucediam-se ali, à minha frente, irrefutáveis, as imagens do drama e do ridículo fascistas. O Tomás dizia não sei quantas vezes que já tinha estado naquela terra não sei quantas vezes e cortava não sei quantas fitas. Os soldados repetiam, repetiam, repetiam, até ao seu regresso, o ano cheio de prosperidades, o adeus, até ao grande dia. O locutor de serviço vibrava de emoção sabuja ao poder ditatorial, chorava com os pais e as viúvas dos soldados reduzidos a uma medalha póstuma, além de uma continência no Terreiro do Paço. E havia a censura, a PIDE, a oposição, as «eleições». Tudo isso e muito mais passou pelos meus olhos, na televisão portuguesa (canal 2), no mês primeiro de 1980!

Afinal, o fascismo português existe em filme! Tem-no a RTP, ciosamente guardado, à espera não sei de quê. Que seja de novo actual? Que seja objecto de estudo académico? Que seja manjar dos ratos que pelo Lumiar certamente, abundam?

Há, na televisão portuguesa, uma grande vergonha de mostrar certas coisas. E um grande receio de deixar trabalhar certos profissionais. O programa a que me refiro («ANOS 70 — IMAGENS DE UMA DÉCADA», quartas-feiras, RTP/2) é entre outras coisas, um exemplo raro de profissionalismo, de jornalismo televisivo, de capacidade de comunicação. Uma montagem cuidada e cheia de intenção, um conjunto riquíssimo de imagens, um texto equilibrado e corajoso, uma banda sonora de particular bom gosto — e nasce um programa importante. Passa no canal 2. Aqui se presta justiça aos homens que o fizeram: Joaquim Furtado, A. Peres Metelo, José S. de Almeida e Joaquim Vieira.

Se eu soubesse que me ligavam, ainda escrevia uma carta aos senhores da televisão a pedir-lhes que repetissem o programa no 1.º canal. Mas eles já andam com certeza a pensar nisso...

OUTRA, MAIS GERAL

Estava bom de ver que o forte deste governo não seria a cultura. Até porque, doa a quem doer (e dói a tanta gente...), o trabalho cultural de qualidade está, em regra, situado nos espaços progressistas. Por que será?

Ainda é cedo para avançar com grandes factos. Apesar disso, pequenos sinais de tempestade recortam-se já, nitidos, no horizonte. A extinção da companhia de teatro do S. Luiz, os receios dos grupos independentes de teatro quanto a subsídios de que dependem, as dificuldades levantadas a uma Cinemateca Nacional, a oposição aos trabalhos já em curso para a celebração de Camões ao longo deste ano... Ainda a procissão vai no adro e já se amontoam razões de apreensão.

Apenas dois tópicos:

1. É preciso fazer as contas da cultura como quem faz as contas do merceiro? Fechar salas de espectáculo, impedir trabalhos, negar subsídios só porque dá prejuízo não leva a muito longe. Também as escolas dão prejuízo e cada aluno custa uns centos de escudos por ano ao governo: vamos, por isso, encerrar as escolas?

Igualmente será precipitado acabar com o teatro, o cinema ou a música, apenas porque as pessoas não vão. Se se entende que cultura é algo de importante, de fundamental para o desenvolvimento pleno do indivíduo e da sociedade, há que incrementar a vida cultural e não extingui-la. Por alguma coisa existe uma Secretaria de Estado da Cultura. Será esta apenas uma repartição administrativa (mais uma) ou uma espécie de comissão liquidatória?

2. É curioso como a opinião das pessoas se deixa levar por circunstâncias de poder! As forças de direita, agora no governo, desenvolveram uma autêntica cruzada quando, em sua opinião, Camões desapareceu das escolas portuguesas. Era inadmissível. Certo. Agora, estando em perspectiva um ano cheio de Camões, com uma série de importantes realizações já esboçadas, entende o governo acabar com a comissão responsável pelo trabalho e, invocando razões económicas, mais ou menos pôr em causa o âmbito da celebração planeada. Afinal, era verdadeiramente Camões que lhes interessava? Suspeito...

ETC. e TAL

A QUANTO ESTÃO HOJE OS LORDES?

Margaret Thatcher, primeiro ministro da Grã-Bretanha, anunciou que estava disposta a reiniciar a prática de conferir títulos nobres a personalidades políticas, inclusive títulos hereditários por «méritos extraordinários». Comentando este gesto, o jornal «The Guardian» lembra que os antepassados de muitos dos actuais lordes ganharam títulos porque haviam sido priatas com sorte, ou haviam feito fortuna graças à pilhagem, roubo de gado, etc., enquanto que as damas os ganhavam por se terem preocupado em ser «gentis» com os governantes. Casos houve, até, que monarcas venderam títulos aristocráticos. No governo do rei Jaime, por exemplo, o título de baronete custava 10 mil libras esterlinas.

REGRA DO OURO

A queda do dólar, provocada pelo agravamento do conflito EUA-Irão, originou um certo «humor negro» entre os banqueiros, escreve o jornal «Financial Times», de Londres. Tendo sido perguntado a um conhecido financeiro americano como encarava a situação, respondeu: «Sigo a regra de ouro». Quando lhe pediram que precisasse essa regra, esclareceu: «É muito simples. Temos o ouro e, portanto, ditamos as regras».

«SOLDADOS DA FORTUNA»

Na cidade de Boulder, Estado de Colorado, EUA, é editada a revista «Soldado

da Fortuna». A missão da revista é glorificar o trabalho dos mercenários e arranjar material para as tropas repressivas de vários países estrangeiros, nomeadamente para os regimes racistas da África do Sul. Uma boa prova dessa publicidade que a revista dá aos assassinos a soldo, é o letreiro no edifício da redacção: «Sê soldado da Fortuna e terá possibilidade de viajar, ver o mundo, contactar com pessoas interessantes e matá-las!»

UMA SOLUÇÃO COMO QUALQUER OUTRA

J. Galbraith, membro da Câmara de Representantes do Estado de Ohio, nos EUA, apresentou a esta assembleia um projecto-lei, para combater a crise energética. O dito propõe, nem mais nem menos, que os meses de Janeiro e Fevereiro sejam suprimidos do calendário, e que se prolongue, em consequência, os meses de Junho, Julho e Agosto. No final de contas, a ideia não é menos realista do que qualquer das outras que Washington tem proposto para solucionar a crise energética.

«VIAGEM AO INFERNO»

É assim que o escritor norte-americano Henry Miller se refere ao metropolitano de Nova-Iorque. Realmente, aquele «subterrâneo» é talvez o mais ruidoso, sujo e perigoso do mundo. Embora as suas 460 estações sejam patrulhadas por 2800 polícias, os crimes aumentam. Desde o começo deste ano, verificaram-se no «me-

tro» de Nova Iorque 12 assassinatos, 12 violações e mil casos de agressão, já para não falar de delitos não registados oficialmente. As estatísticas sofreram um aumento de 60 por cento em relação ao ano passado.

INSULTE! SÓ LHE FAZ BEM...

Na Universidade de Youngstown, no Estado de Ohio, nos Estados Unidos, funciona um Centro investigador internacional para a agressão verbal. A sua primeira descoberta é que as maldições, injúrias e outras expressões grosseiras são úteis, do ponto de vista psicológico e filosófico. Na opinião do Dr. R. Amen, presidente do Centro, o indivíduo que não explode a sua ira na forma de improperios, pode adoecer e até morrer disso.

RECORDE «SUI GENERIS»

O sacerdote baptista norte-americano Glyn Wolfe pode perfeitamente ser considerado um «recordista» no campo... matrimonial. Não obstante a sua avançada idade (71 nos), uniu-se recentemente a uma donzela de vinte anos, natural do Texas. É o seu 23.º casamento. «Esta feita, é até ao fim dos meus dias», declarou Wolfe. Os anteriores matrimónios haviam sido um malogro. Em contrapartida, o mal-fadado pastor tem a felicidade de manter 40 filhos.

PONTOS NOS «ii»

Um esclarecimento oficial à lei federal da RFA sobre a remuneração das viagens em serviço: «Se, durante uma viagem em serviço, o funcionário morrer, a sua viagem é considerada encerrada».

CICLOMOTORES DE ESPINHO

ANTÓNIO F. DE SÁ ALVES

Armazém de acessórios para qualquer marca de motorizadas e bicicletas

Motorizadas — Bicicletas — Acessórios

Rua 20 n.º 735 Tel. 920216 Apartado 107 ESPINHO

DR. CASTRO REIS

ESPECIALISTA PELA O. M.

DOENÇAS DOS OLHOS

ORTÓPTICA

RUA 16 N.º 250 - 1.º ESQ.

TELEFONE 922470 — ESPINHO

Ernesto Ferreira

ODONTOLOGISTA

Boca e Dentes

Rua 18 n.º 582 - 1.º Dto.

Telef. 921810 — ESPINHO



FÁBRICA DA BRASILEIRA

Ramiro de Sá Couto, L. da

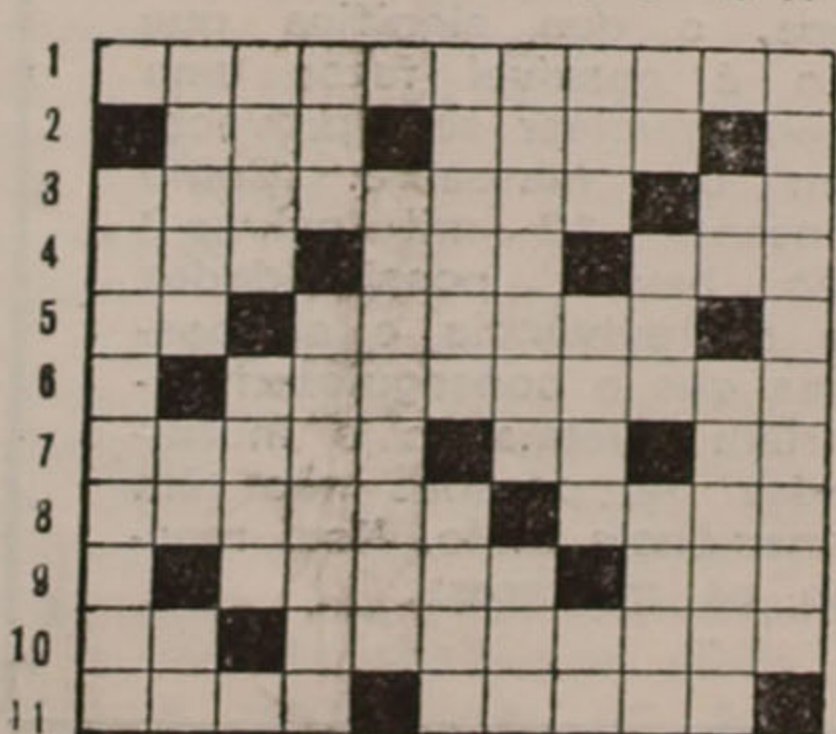
Caixas de Cartão Canelado

Papéis - Embalagens - Artes Gráficas

Telef. 9642101 Apartado 11 S. Paio de Oleiros

PALAVRAS CRUZADAS - 54

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS

1 — O governo AD quer adiar este congresso para 1981; 2 — Lista; o primeiro presidente da República Popular de Angola, falecido no ano passado; 3 — Surrípiasse (pop.); 1100; 4 — O czar terrível; este ministério continua a entregar reservas; habitação; 5 — Basta; perde vida; 6 — Aquilo que contraria a lógica; 7 — Realizador italiano, falecido em 76, e autor de belos filmes como «Divórcio à Italiana» e «Seduzida e Abandonada»; preposição; nome de

letra; 8 — O ácido que dá acidez a azeite; este tenista sueco é já considerado um «super-homem»; 9 — Uma parte do ovo; desaba; 10 — Outra coisa; muçulmano; 11 — Flecha; usa a arpa.

VERTICAIS

1 — Matemático grego, que concebeu o conhecido teorema de que «o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos»; 2 — Rezava; artigo antigo; interpreta; 3 — Amortecedor; «processo revolucionário em curso», segundo uma expressão muito usada em 75; 4 — Cidade

alemã onde Napoleão bateu o exército austríaco; o CDS apadrinha uma comissão nacional que diz representar os interesses desta instituição; 5 — Este continente está dividido em Norte, Centro e Sul; 6 — Não saudável; debrua; 7 — Lança no desemprego; rio da Suíça; 8 — Preposição que indica «limite»; o comboio perdeu «carruagens»; a organização juvenil do Estado Fascista; 9 — Pena; dura..., sed...; lazer; 10 — Ruim; cumprimenta efusivamente; 11 — O pecado mais grave, segundo a religião cristã.

HORIZONTAIS

1 — Renascença; 2 — Ui; alarma; 3 — Vs; Sam; teor; 4 — AEG; gajo; ló; 5 — Niagara; sem; 6 — Canadá; oiça; 7 — Acidente; 8 — lom; raifeiro; 9 — Seca; será; 10 — Maias; Sá; mu; 11 — Alegorias.

VERTICAIS

1 — Revanchismo; 2 — Seia; OEA; 3 — Nu; ganância; 4 — Ais; GAC; aal; 5 — Agadir; Sé; 6 — Camaradas; 7 — El; já; Éfeso; 8 — NATO; onarar; 9 — Crê; sitia; 10 — Amolecer; má; 11 — Aroma; opus.

SOLUÇÕES DO N.º 53

Leitão sem bilhete ganha corta-mato

Seleccionado com o portista José Sena e o conimbricense José Abreu para representar a Federação Portuguesa de Atletismo num cross internacional em San Sebastian, o espinhense António Leitão acabou por ficar à porta do avião com os outros dois atletas, por falta de bilhete, que foi apenas assegurado a um dirigente federativo.

Com a viagem e o cross comprometidos pela «organização» da F. P. A., António Leitão nem por isso ficou inactivo e participou no Corta-Mato do Porto, numa distância de cerca de 12.000 metros. Aproveitando o abandono de José Sena, o atleta espinhense não teve dificuldades em se afastar do olímpico Manuel Paiva, deixando-o a cerca de 20 segundos e provando mais uma vez tratar-se do melhor fundista nortenho, logo depois de Sena.

Saliente-se entretanto o excelente comportamento do também espinhense Fernando Couto, que conquistou o 3.º lugar e vem provando crescentes capacidades nesta especialidade. Colectivamente, o Sp. Espinho foi segundo, atrás do F. C. Porto.

XADREZ

Taça de Portugal

AAE (B), 2 — F. C. PORTO, 2
(desempate para a AAE)

CDUP (C), 1/2 — AAE (A), 3 1/2

CDUP (A), 4 — AAE (C), 0

A primeira eliminatória da Taça de Portugal colocou as três equipas da AAE frente a clubes de grande prestígio no xadrez nortenho e punha reservas prévias quanto à possibilidade dos representantes espinhenses seguirem em frente. A equipa C, formada pelos jogadores mais inexperientes, competia defrontar a formação do CDUP, num despique desigual que o resultado veio confirmar. Quanto à AAE (A), havia algumas dúvidas, que não se confirmaram, dada a pouca convicção e resistência oferecida pelos «terceiros planos» universitários.

Finalmente, à equipa B da AAE, aquela em que se depositam mais esperanças e formada por José Azevedo, Amadeu Loureiro, Francisco Lemos e João Carvalhas, coube-lhe defrontar em Espinho a forte equipa do F. C. Porto. Encontro

muito equilibrado nos quatro tabuleiros e que só se veio a decidir por desempate. Com efeito, quando estavam concluídos três partidas, o F. C. Porto vencia por 2-1 (vitória de Francisco Lemos) e estava tudo dependente da partida do 1.º tabuleiro, onde José Azevedo se opunha a Vladimiro Miranda, regressado após interrupção de uma interessante carreira de que constava um título nacional de juniores e alguns nos regionais do Porto. O jogador espinhense acabou por vencer, fazendo o 2-2 e dando a qualificação à AAE pelo facto de o resultado no 1.º tabuleiro funcionar como desempate.

Prosseguem portanto a primeira e a segunda equipas da AAE, numa demonstração de vitalidade que outros clubes de prestígio no xadrez bem podem invejar.

Francisco Lemos para o «bi»

Para além do contributo positivo que deu na Taça de Portugal, Francisco Lemos acumulou com a participação no campeonato Regional de Juniores, que o ano passado venceu. E tudo indica que venha a repe-

tir a proeza, dado que já venceu os adversários mais temidos, nomeadamente Paulo Felizes, do F. C. do Porto.

O «bi» está à vista e, com ele, a desejada participação no Nacional de Juniores.

HÓQUEI EM CAMPO

II DIVISÃO AAE, 1 — Canelas, 1
RESERVAS Ramaldense, 6 — AAE, 1

A equipa de honra segue em terceiro lugar e as reservas curiosamente, em primeiro, mas beneficiando do maior número de jogos disputados.

A Tômbola do S. C. de Espinho

Do Sp. Espinho recebemos a seguinte nota com pedido de publicação:

«O Sporting Clube de Espinho vem agradecer encarecidamente a toda a Indústria e Comércio que se dignaram prestar a sua valiosa colaboração à tômbola, para cujo êxito contribuíram decisivamente. Na impossibilidade, pelo elevado número de firmas que nos deram o seu apoio, de agradecermos individualmente, fazêmo-lo por este meio, pois de modo algum poderíamos deixar de testemunhar o nosso reconhecimento às empresas que tão generosamente nos auxiliaram na já tradicional tômbola.

A Direcção do S. C. Espinho

U. LEIRIA, 2 — SP. ESPINHO, 1

Até o castelo viu o penalty ?

O «penalti» descarado sobre Canavarro quando este se dirigia isolado para a baliza leiriense foi talvez o facto mais saliente do jogo. Nemésio Castro, o juiz da partida, fez vista grossa a esse derrube dum defesa leiriense sobre o n.º 11 espinhense, para além de evidenciar durante o jogo uma forma física deficiente e um caseirismo evidente. Culpas do S. C. E. na derrota também houve: um exagerado esquema defensivo, só praticamente com Canavarro isolado à frente, e falhas notórias na defesa, principalmente pelo lado direito, onde Coelho faliu entradas demais (nomeadamente no lance que deu o golo da vitória unionista).

Com o União de Leiria quase sempre postado no ataque, nem sempre esclarecido, o S. C. E. defendeu o que pôde poucas vezes bem. Assim, contra a corrente do jogo apareceu o 1.º golo espinhense, num monumental «frango» de Padrão, seguido

do golo do empate, numa retribuição de «frango» de Gaspar, se bem que com culpas da defesa.

No início da 2.ª parte, e com a entrada de João Carlos, assistiu-se a um período mais esclarecido da turma espinhense, já com uma frente de ataque mais ampliada pela entrada de Belinha. No entanto, o golo da vitória chegou, para os leirienses, que aproveitaram, como já foi dito, um falhanço de Coelho, novamente numa curva descendente de forma.

Quanto ao árbitro, não é necessário repetir o quanto de mau ele fez. Salientar valores? Bom... no S. C. E. José Freixo o mais pendular, seguido de Gaspar, (exceptuando o 1.º golo sofrido João Carlos na 2.ª parte e Canavarro pelo que estoicamente lutou.

No União, o lateral-esquerdo Cícero, Dinis II apesar da maldade posta nalguns lances e Clésio.

HÓQUEI EM PATINS

NACIONAL — ZONA NORTE

INFANTE DE SAGRES, 5 — AAE, 3

AAE, 5 — SANJOANENSE, 5

JUNIORES — AAE, 11 - VALADARES, 1

INICIADOS — AAE, 11 - MASSARELOS, 0

INFANTIS — AAE, 15 - MASSARELOS, 0

Os seniores não confirmaram totalmente as boas indicações dadas nas duas primeiras jornadas e somaram agora dois resultados que de modo algum se podem considerar positivos. A «coisa» parece indicar um lugar tranquilo, a meio da tabela.

As goleadas esperadas das outras equipas da AAE não modificaram o essencial. Os juniores (onde Antero se encontra em grande forma) mantêm o 2.º lugar, a dois pontos do inamovível Infante de Sagres, os iniciados também são segundos a 1 ponto do Infante também e os infantis seguem a meio da tabela.

ANDEBOL

SENIORES MASCULINOS

SP. ESPINHO, 13 — F. C. PORTO, 21

Num fim de semana em que andebol esteve mais ou menos parado, este jogo entre o Espinho e o F. C. Porto, a contar para um torneio quadrangular organizado, para além destes dois clubes, pela A. S. Mamede e pelo Maia, era o prato mais bem preparado da ementa menos boa que nos reservaram. Um torneio em que o Porto se sagraria vencedor, pese embora a presença de cinco dos seus jogadores na selecção nacional que disputou o grupo C do campeonato do mundo.

O Espinho, tendo contado por derrotas os jogos efectuados quedou-se pelo último lugar.

INICIADOS SCE, 11 — CDUP, 15

PARAMOS

FUTEBOL DE SALÃO

É já conhecido um dos finalistas do torneio de futebol, organizado pelo Grupo Desportivo do Monte. Trata-se da representação A do Grupo da Quinta, que ganhou neste fim de semana aos Tigres por 1-0. Os outros jogos do fim de semana foram: Monte, 1 — Quinta (B), 3; Agueiro, 4 — Águias (B), 1; Schalke, 3 — Águias (A), 0.

Falta apurar o vencedor da segunda série para disputar a final com a Quinta A.

HALTEROFILIA

O jovem árbitro desta freguesia, Manuel José Gomes da Silva, deslocou-se, no dia 2 do corrente, ao Barreiro, onde no pavilhão do Luso F. C. Barreiro, arbitrou uma prova do Campeonato Nacional de Juniores e Juvenis. Esta prova serviu de teste para a subida de categoria de Nacional de 2.ª à máxima nacional, 1.ª categoria, tendo-o conseguido, pelo que daqui lhe endereçamos o nosso estímulo para continuar.

Móia

— foi micro-rotura

A ausência do dianteiro Móia do lote dos 16 convocados para o jogo de Leiria provocou alguma estranheza e, mais do que isso, bastante especulação alimentada pelo caso disciplinar de que o jogador acaba de sair. Falava-se de um recolher tardio em vésperas de jogo e algumas vozes iam muito mais longe na gravidade do caso.

Impunha-se recolher a versão oficial e fizemo-lo contactando o chefe da secção de futebol do Sp. Espinho. Fernando Costa mostrou-se surpreendido com as várias versões e explicou: «Móia não foi a Leiria apenas porque contraiu uma micro-rotura num treino, pelo que carecem de fundamento quaisquer outras notícias postas a correr. Posso adiantar mesmo que Móia já deverá poder jogar contra o Estoril».

Para concluir, a ficha do encontro:

Árbitro: Nemésio Castro, de Lisboa.

U. LEIRIA: Padrão; Dinis I, Figueiredo, Tomé e Cícero; Paixão (Jesus aos 45 m.) Jorge Bonga e Edson (Garcês aos 57 m.); Clésio, Nascimento e Dinis II.

S. C. E.: Gaspar; Coelho, José Freixo, Amândio e Vilaça; Pinto Ribeiro (João Carlos, aos 46 m.) Vitor Pereira e Vitor; Sobral, Reis (Belinha aos 75 m.) e Canavarro.

Marcadores: Coelho (20 m.) e Clésio (30 e 77 m.).

JUVENIS

Valecambrense, 1 — SCE, 1

VOLEIBOL

SENIORES DO SCE DE MAL A PIOR

SENIORES MASCULINOS

I DIVISÃO

SCE, 2 — A. Madalena, 3
SCE, 1 — Esmoriz, 3

II DIVISÃO

AAE, 1 — Fiães, 3

JUNIORES MASCULINOS

A. Coimbra, 3 — SCE, 2

JUVENIS MASCULINOS

AAE, 1 — SCE, 3

INICIADOS MASCULINOS

Fluvial, 0 — SCE, 3
SCE, 3 — A. Madalena, 0

SENIORES FEMININOS

H. Barcelos, 0 — SCE, 3
SCE, 3 — Guimarães, 0

JUVENIS FEMININOS

N. Matos, 0 — SCE, 3

Desfechos mais ou menos esperados, com excepção das duas derrotas dos seniores do SCE, que devem ter comprometida a presença na fase final do Nacional. Que se passará com esta equipa que não consegue ultrapassar outras que estão perfeitamente ao seu alcance? Difícil está também o apuramento dos femininos, apesar das duas vitórias alcançadas, pois o Vila Real continua em 4.º lugar com uma vitória de avanço. Quanto aos juvenis e iniciados, a interrogação é saber-se quem irá «parar» estas equipas.

MARÉ VIVA

E os preços já estão mais lá no cimo...

Este governo, decorrido um mês desde a tomada de posse, já tem dado fortes indícios (porventura alarmantes) acerca das suas reais intenções, nomeadamente no que se refere à política externa, comunicação social, cultura, saneamentos, etc.! No que se refere à política económica talvez seja cedo para as devidas análises, mas já se podem levantar algumas interrogações.

Para já temos a gasolina e todas as suas implicações, temos mais um «tradicional cabaz», a fazer-nos dar voltas aos salários. É o pão, o açúcar, o óleo, as massas alimentícias, o peixe (congelado), a carne (só o frango), porque o resto, que também são essenciais para a nossa sobrevivência, nem cabaz, nem com subsídios, é sempre a subir, cada vez mais distantes. É certo que já sabemos que este processo não é novo, já vem de trás. É a crise económica internacional, são as características do próprio sistema que nos rege, é a moeda desvalorizada que conserta a Balança de Pagamentos mas agrava o preço dos produtos importados, um isomatório de factores que só poderiam ser eliminados com alterações muito profundas. E este Governo não terá prometido alterações com outro sinal?

Com mais este macete de aumentos, no que diz respeito aos produtos do cabaz, teremos que gastar um quarto das nossos rendimentos, cada vez menores, cada vez mais insuficientes. São estes factos que ressaltam aos olhos de todos, que preocupam, que alarmam. Aonde se vai parar? Como viver? As infraestruturas, os mecanismos, as conjunturas, pois claro. Mas o dia a dia, o comer, o habitar, o sobreviver, Como é?

Certo é que a A.D. prometeu, na altura das eleições, reduzir a taxa de inflação para 20% e os actuais aumentos cifram-se em 15,5% relativamente ao último cabaz. Só que os subsídios atribuídos a estes produtos, considerados essenciais, subiram de 13 para 23 milhões de contos. O Fundo de Abastecimento, alimentado pela gasolina, acabou. Será do Orçamento Geral do Estado que virão estes milhões. As despesas vão, portanto, aumentar e para as cobrir temos as receitas. E o grosso das receitas são os impostos. Mas se o Governo prometeu reduzir os impostos, como vai ser? Quem vai pagar estes milhões de contos? Não estará a nossa bolsa a ser furada por dois lados? Como é?

ESPINHO, OS PESCADORES E EÇA DE QUEIROZ

Como todos sabem, Espinho começou por ser um pequeno lugar de pescadores pobres arrancando ao mar, com dor e incerteza, a magra subsistência aquém da fronteira da fome e miséria em luta constante com este «mar que é um cão raivoso».

Relendo agora um pequeno texto de Eça de Queirós, das Farpas, em 1872, onde é focada a miséria dos pescadores e citado, como exemplo, Espinho (não obstante ser tido já como populoso e rico), não deixa de ser doloroso verificar que, mais de cem anos decorridos, as condições de trabalho e de vida dos nossos pescadores não evoluíram como seria desejado.

O mar, galgando periodicamente a terra, em medos e prejuízos (que prometem reparar, mas onde as indemnizações nunca chegam), sem porto de pesca, sem técnicas modernizadas, onde o peixe é caro mas o lucro não enche a bolsa do homem-do-mar e as promessas antigas (que ainda não passaram disso) da protecção da costa espinhense, cada vez mais agreste e poluída.

As habitações continuam degradadas e o bairro piscatório com as ruas e os «passeios» de areia e sujidade. Um bairro de esperança construído na antiga

Quinta do Constante Pereira, de arquitectura de mau gosto e conforto duvidoso, só para pescador ver... com rendas de 6 e 8 contos mensais pedidas pela Solverde (sem «sol» e sem o «verde» da esperança) e mais de 800 e 1.000 contos para a compra das casas construídas pelo município.

Mas recordemos aqui as palavras de Eça de Queirós em Janeiro de 1872: (que mantêm um salutar e actual conselho aos nossos responsáveis):

Ao Ex.^{mo} Sr. Fontes Pereira de Melo. — Vimos agradecer-lhe, sr. ministro, a proposta pela qual é extinto o imposto de pescado.

temos aqui uma indústria disciplinada — mas a pirataria da fome.

Anda às vezes uma lanca quarenta e oito horas sob a chuva, o vendaval e a neblina, na inclemência da água. Os homens estão perdidos e trabalhadores, como dizia Camões. É necessário passar a noite no mar. Deitam a âncora e as redes, acendem uma lanterna, perseguem-se, e, sob a escuridão e a tormenta, embaçados nos gabões, encharcados, ali ficam no vasto mar escuro. Tudo isto para erguer as redes vazias, quantas vezes rotas! Vão homens e vão crianças. Um homem de companhia ganha 80 réis por cada pesca, dois de trabalho áspero. Uma criança



QUE NÃO SEJAM SÓ PROMESSAS...

MAIS ESCOLAS E ENSINO PRELIMINAR ?

São já antigas e conhecidas as muitas deficiências de que enferma o funcionamento do sistema escolar no concelho de Espinho. Estudos que remontam a 1975 concluem pela necessidade imperiosa de construção de um número total de salas de aula que ultrapassa a centena, ambição que parece difícil de realizar.

Entretanto, o actual presidente da edilidade afirma considerar a resolução desta situação como a prioridade mais importante para o concelho, imediatamente após a questão da habitação. Segundo informações que nos forneceu, a Câmara está a estudar com toda a atenção este assunto, por forma a poderem ser levadas a cabo iniciativas que permitam ultrapassar a situação actual. Nomeadamente, pretende-se lançar entre

nós o chamado ensino preliminar, para as crianças com idade imediatamente anterior à de entrada para a escola primária, o que poderá começar por se verificar em Anta, aproveitando a possível existência de duas salas livres numa escola daquela freguesia.

Segundo outro ponto de vista que José Fonseca nos adiantou, há terrenos nas freguesias disponíveis para a construção de escolas, pensando-se, todavia, não na construção de pavilhões pré-fabricados, mas sim edifícios mais apropriados. Um dos terrenos da cidade previstos para a construção escolar é a zona actualmente ocupada pelo Ciclo Preparatório, que irá ficar livre com a construção do novo edifício para o Ciclo e que já arrancou. Por outro lado, encontra-se praticamente

concluída a nova escola junto ao salão paroquial, para onde deverão transitar os alunos da actual escola da rua 23, em péssimo estado de conservação. Em Anta, a nova escola da Quinta poderá entrar em funcionamento ainda este ano, continuando prevista a implantação de um novo edifício escolar na zona da Marinha, na área onde o Fundo de Fomento da Habitação está a levar a cabo a sua construção. Mas outras zonas continuam à espera de serem atendidas, como é o caso de Esmojães, Aldeia Nova, Silvaldinho, Corredoura, etc.

Ir-se-á assistir à concretização deste benefício para a população ou tudo não passará de promessas mais ou menos bem intencionadas mas vãs, à espera de que o povo se vá deixando levar?

As Farpas tinham apresentado, com um relevo doloroso, toda a cruel indignidade desse imposto. Não sabemos se V. Ex.^a já viveu algum tempo nas costas de Portugal. Devia-o ter feito. Nada mais duramente instrutivo. Um interior de cabana ensina mais que um livro de Maurício Block. (Mesmo os livros do dito Maurício não ensinam nada). A pesca não constitui uma indústria regular, mas um ganho de surpresa. O mar, sr. ministro, não tem a calma e a tranquilidade da terra. Essa estende-se ao sol, como a ninfa antiga, e deixa serenamente na sua impassibilidade santa que a violem, a dilacerem, lhe tirem o vinho, o pão, as frutas, até o carvão, e aos que a rasgam e roubam dá tudo o que é necessário para que o corpo viva, e ainda mais às verduras e as flores para que a alma se alegre. O mar, sr. ministro, esse, defende-se. Olha o homem como um inimigo; cerca-se de rochas, embuça-se traidoramente na névoa, apavora com o seu ladrar monótono. É necessário espreitá-lo, ver quando dorme: então o pescador, rema em silêncio, deita as redes, e rouba-o. Já vê sr. ministro, que não

ganha um vintém. É necessário ver como habitam. Em Espinho — e é uma das costas mais populosas e mais ricas — vivem em casebres de pau, onde a chuva, o vento, a névoa, entram livremente; dormem sobre farrapos de velhas jaquetas e de antigas velas inúteis; comem numa grande tijela, promiscuamente, a caldeirada escassa de sardinha e côdeas de broa. Isto no tempo feliz e abundante. No inverno internam-se e pedem esmola. Tal é aquela vida a traços largos. Escusamos falar-lhe, sr. ministro, dos temporais, dos naufrágios, de barcos partidos, de redes inutilizadas, do fim deles sobre a terra, que é o hospital, do seu fim debaixo da terra, que é a vala. Vir sobre estes homens o fisco, e tirar-lhes, por meio de uma conta de dividir, parte daquilo que eles ganham por meio de um risco de morrer, era excessivamente torpe, mesmo para portugueses! Os pescadores têm, sr. ministro, um verdadeiro imposto: as grandes ondas que viram as lanchas.

Agradecemos, sr. ministro, a sua simpática iniciativa.

Jorge Carvalho

A Biblioteca Guittonkian
Rua 21 - ESPINHO
PORTE
PAGO